

**JOANNA BRANDT: UMA DINAMARQUESA NO RIO DE JANEIRO  
NA 1ª METADE DO SÉCULO XX E A PROFISSIONALIZAÇÃO DAS  
ARTES DECORATIVAS**

**JOANNA BRANDT: A DANISH WOMAN IN RIO DE JANEIRO  
IN THE FIRST HALF OF THE 20TH CENTURY AND THE  
PROFESSIONALIZATION OF THE DECORATIVE ARTS**

Marize Malta\*

Escola de Belas Artes - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo**

O artigo traz à luz a atuação da dinamarquesa Joanna Brandt no Rio de Janeiro, entre os anos de 1900 a 1930, possivelmente como a primeira artista-decoradora que atuou profissionalmente na capital do Brasil à época, buscando avaliar suas estratégias, analisar seus trabalhos e discutir o papel das mulheres nas artes aplicadas e, ainda que consideradas artes menores, sua contribuição na construção de modernidades possíveis. A pesquisa fez uso principalmente de jornais e revistas da época a partir da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, já que não se encontrou em acervos públicos trabalhos preservados de Brandt, mas que atestam sua versatilidade e profissionalismo nas artes decorativas.

**Palavras-chave:** artes decorativas, Joanna Brandt, Rio de Janeiro, modernidades, mobiliário, trabalhos manuais.

**Abstract**

The article highlights the work of the Danish artist Joanna Brandt in Rio de Janeiro between 1900's and 1930's, possibly as the first professional artist-decorator in Brazil's capital at the time, seeking to evaluate her strategies, analyze her work, and discuss the role of women in the applied arts and, even though considered minor arts, their contribution to the construction of possible modernities. The research mainly used newspapers and magazines from the period from the Brazilian National Library, since no preserved works by Brandt were found in public collections, but which attest to her versatility and professionalism in the decorative arts.

**Keywords:** decorative arts, Joanna Brandt, Rio de Janeiro, modernities, furniture, crafts.

## Introdução

Poder falar hoje de Joanna Brandt foi quase um acaso, ainda que saibamos que no campo da pesquisa ele não é fortuito, mas resultado de estar atenta na busca de fontes e sempre imbuída de olhar curioso. Esse artigo foi consequência de uma pesquisa que inicialmente estava interessada sobre a seção de Artes Aplicadas nas Exposições Gerais de Belas Artes (EGBA), evento promovido desde 1840 pela Academia Imperial de Belas Artes, fundada em 1816 no Rio de Janeiro, Brasil. Após o advento da República (1889), a instituição recebeu o nome de Escola Nacional de Belas Artes, continuando a oferecer a mais destacada exposição oficial de artes do país, seguindo o modelo dos salões parisienses. A entrada de mulheres nessas exposições ocorreu sempre numericamente em minoria, sendo a seção de pintura a mais prestigiosa entre todas, quando essas artistas eram qualificadas como amadoras, situação que os estudos feministas no Brasil<sup>1</sup> já vêm pontuando, na esteira das reparações das invisibilidades das mulheres na produção da arte e do conhecimento. A seção de Artes Aplicadas foi introduzida tardiamente e somente nos primeiros anos do século XX as mulheres passaram a apresentar seus trabalhos decorativos, não por acaso majoritariamente estrangeiras.<sup>2</sup> Dentre elas estava Joanna Brandt, mera desconhecida até então.

Num país marcado por forte patriarcalismo, não seria de se estranhar o pouco espaço dado à profissionalização das mulheres e, mesmo que amadoras, não era socialmente bem-visto o fato de exibirem publicamente obras de sua autoria, muito menos com intenções comerciais. Cientes dessa situação opressora, em 1902 foi criada a Liga Promotora dos Trabalhos Femininos no Rio de Janeiro:

(...) uma associação composta de senhoras da nossa sociedade e amadoras das Belas Artes, aplicadas aos trabalhos manuais, com o fim desenvolver no sexo feminino o gosto verdadeiramente artístico e animá-lo com a execução de qualquer trabalho, tanto os comuns, como dos mais modernos, dos realmente artísticos como dos de simples gosto; desde as obras de escultura até o mais simples trabalho de costura e facilitar os meios de serem adquiridos os de pessoas necessitadas e que precisem de vendê-lo sob a capa do anonimato.<sup>3</sup>

No mesmo ano a Liga organizou uma exposição nos salões do Liceu de Artes e Ofícios. Trabalhos Femininos, termo usado no título da Liga, diferenciava-se dos tradicionais Trabalhos de Senhoras, como eram denominadas algumas seções de exposições que apresentavam especialmente trabalhos de agulha, realizados em casa. Esses trabalhos eram considerados passatempos apropriados a “mulheres de boa família”. Nesse sentido, a ideia de “Trabalhos Femininos” buscava dar outro caráter às artes produzidas por mulheres, mesmo que incluísse os trabalhos “comuns” de bordado e costura, mas denunciavam que qualquer produção artística realizada por mulheres estariam sempre rotulados pelo gênero. Entretanto, ao que tudo indica, a iniciativa da Liga não gozou de vida longa, desaparecendo notícias ao seu respeito nos anos subsequentes. Com isso, as mulheres desejosas de sobreviverem de algum ofício voltado às artes

precisaram travar uma luta particular para obterem reconhecimento. Diante desse contexto, foram as mulheres estrangeiras as primeiras a se destacarem nas seções de artes aplicadas nas Exposições Gerais, muitas das quais não mantiveram constância nem tiveram seus nomes registrados na história das artes decorativas no Brasil. Porém, houve uma exceção, ainda que praticamente desconhecida até pouco tempo.

Foi em 1905, na seção de Artes Aplicadas da 12ª Exposição Geral de Belas Artes, em que expôs pela primeira vez Joanna Brandt, natural de Copenhague, Dinamarca, e discípula de Mmes. Arland e M. Richardt, conforme constava no catálogo, com as seguintes obras:

- 272. Banco de piano (cuir repoussé, Orchidéas),
- 273. Banquinho (estilo de dragão);
- 274. Uma vitrine contendo: a) Prato (chataigues). b) Prato (cactus). c) Prato (Eglantine). d) Prato (Geranuns). e) Prato (Glycinia). f) Prato (Rose). g) Prato (Saxonie). h) Vaso (Glycinia). i) Vaso (Vinha Sylvestre). j) Passe-partaut (cuir reposée).<sup>4</sup> [grafia original]

Desse certame, Joanna Brandt recebeu Menção Honrosa de 1º grau. O jornal *Gazeta de Notícias* anunciou o triunfo da artista, elogiando seu banco de couro e prosseguia:

Mme. Brandt é dinamarquesa, trabalha a porcelana em fornos próprios aqui no Rio. É incansável. Como a elogiássemos ao saber que estuda cerâmica aplicada com o Sr. Ludolff, o mesmo que há dois anos nos dava, com Visconti,<sup>5</sup> vasos deliciosos, teve esta frase simples e encantadora: - Oh! Eu faço tudo isso pra não fazer crochê. O meu desejo é acabar com o crochê.<sup>6</sup>

Considerando que eram raros os comentários sobre artes aplicadas nos periódicos da época e em especial sobre mulheres artistas, foi surpreendente encontrar elogios dedicados ao trabalho de Joanna Brandt, ter sido entrevistada com sua fala reproduzida, e ainda mais com uma afirmação tão provocativa – “O meu desejo é acabar com o crochê”.

Certamente, não era bem essa a intenção de Brandt, que chegou a criar peças em crochê, mas sim a de criticar muitas mulheres que não se lançavam à vida artística, contentando-se em reproduzir desenhos criados por outros e a se dedicarem bastante às artes manuais, como o crochê que, dentre os vários trabalhos com agulha, foi considerado um dos mais amadores trabalhos femininos. A frase de efeito era estratégica, de modo a chamar atenção para si e para sua produção, que buscava modernizar os artefatos domésticos. Joanna Brandt se apresentou pela primeira vez num evento oficial de artes com móveis e peças de cerâmica, objetos normalmente projetados e realizados por homens. Ainda que interviesse diretamente em alguns objetos, eles eram produzidos por empresas a partir de seus projetos, colocando-se não como uma artesã, mas uma criadora, uma designer de objetos. E aqui, bom esclarecer, não estamos menosprezando os inúmeros trabalhos manuais realizados por

mulheres de modo desinteressado e que praticamente são desconhecidos e pouco pesquisados. Mesmo que algumas pudessem viver profissionalmente dessas artes com agulhas, nada sabemos sobre elas, muito menos dos têxteis feitos em casa cujas autorias só são conhecidas pelos herdeiros que ousaram guardar essas memórias materiais. A ligação da feminilidade com artesanato e domesticidade e a conseqüente inferiorização social dessa combinação já foram pautadas por inúmeras pesquisadoras nas últimas décadas, impulsionando importantes revisões no campo da história da arte.

Foi especialmente em pesquisa nos periódicos brasileiros entre as décadas de 1900 e 1930 que o nome de Joanna Brandt apareceu com certa frequência, mostrando que atuou em várias frentes. Ela parecia valer o esforço de uma investigação particular que resgatasse seu desempenho no Brasil, muito porque indicava ser uma exceção no campo das artes aplicadas.<sup>7</sup> O presente artigo procura reunir a produção de Joanna Brandt, seu percurso e apresentar o merecimento de uma artista que se lançou profissionalmente nas artes decorativas, percebendo que há ainda muitas mulheres a serem resgatadas nos debates sobre os vários modernismos presentes no Brasil,<sup>8</sup> em especial nas artes decorativas.<sup>9</sup>

Tendo em vista que a busca por suas obras foi infrutífera, a principal fonte de investigação recaiu nos periódicos de época, contando com o acervo da hemeroteca da Biblioteca Nacional (física e digital), que auxiliaram a traçar sua trajetória no Brasil e levantar projetos e peças por ela criados, além de sua própria atuação nas revistas femininas, assinando seções de artes decorativas e decoração. Procurando lançar luz a uma artista decoradora que atuou nos primeiros anos do século XX até fins da década de 1930, buscamos contribuir, mesmo com uma pesquisa inicial, com os crescentes estudos femininos,<sup>10</sup> resgatando a atuação das mulheres nas artes e, em especial nas artes aplicadas no modernismo, num processo de ultrapassagem de apagamentos e busca por reparações.

### **Uma vida voltada às artes aplicadas**

A primeira notícia a seu respeito, encontrada até o momento, foi um anúncio no jornal *A Capital*, editado em Niterói, de 25 de novembro de 1903, onde Joanna Brandt oferecia os serviços em sua própria casa, que se localizava na cidade de Niterói, então capital do estado do Rio de Janeiro, onde parece ter morado pela primeira vez. Fez questão de esclarecer sua formação na Europa, sua versatilidade em técnicas artísticas e sua atualidade, já que mencionava o termo moderno duas vezes e, ao falar em bordado, sublinhava que era de linguagem *art nouveau*.<sup>11</sup>

Poucos anos adiante, no jornal *O Fluminense* de 1905, Brandt anunciava que nos dias 10 e 11 de outubro aconteceria no *Club Internacional*, em São Domingos, Niterói, a “exposição de trabalhos artísticos de algumas de minhas discípulas”,<sup>12</sup> assinando Joanna Brandt, professora.<sup>13</sup> O próprio jornal tratou de avaliar a exposição, ponderando a diversidade de técnicas, ainda afirmando “As discípulas de mme. Brandt revelaram vasto conhecimento em pouco tempo de estudo”,<sup>14</sup> mostrando a competência da mestra, chegando ao ponto de comentar sobre algumas peças, suas autorias e quanto tempo haviam levado para a realização do trabalho.<sup>15</sup> Ao final do artigo, ainda se mencionava que “Em 30

de maio último, mme. Brandt fez a sua exposição, sendo muito apreciados os seus trabalhos”.<sup>16</sup> Em seguida, no dia 29 de outubro de 1905, ela já apresentava anúncio sobre o seu curso no referido clube.<sup>17</sup>

Também em 1905, no Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, conhecido como *Almanak Laemmert*, ela aparecia como professora de pintura a óleo, indicando o endereço na rua Sete de Setembro, nº 17, já no centro da cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, porque capital do país.<sup>18</sup> Não obstante, em 11 de agosto de 1906, noticiava-se a abertura da exposição de suas discípulas no clube niteroiense.<sup>19</sup> Certamente, Joanna Brandt não era uma “mulher do lar”, satisfazendo-se com os afazeres domésticos e nas horas livres dedicando-se a criar algumas peças. Ela buscava uma atuação como artista-decoradora e professora, fazendo questão de organizar exposições para divulgar os seus trabalhos e de suas discípulas e ainda participar da principal exibição anual na capital, com estreia em 1905, como mencionado acima.

Em *O Rio Chic*, suplemento de modas dedicado às famílias brasileiras, dirigido por Branca de Villa Flor, um artigo intitulado “Mulher-artista”, assinado por Clo,<sup>20</sup> ponderava que uma mulher trabalhando seriamente na música ou na pintura seria melhor retribuída dando aulas, mostrando a dificuldade de firmar-se apenas com seu trabalho artístico, justificando essa situação pelo motivo dos artistas homens não darem facilmente lugares às mulheres. Entretanto, sugere que haveria “expedientes muito lucrativos e perfeitamente aceitáveis” no campo das artes aplicadas, sugerindo ainda que se criasse uma escola profissional de arte aplicada e arte decorativa no Brasil, de modo que a formação possibilitasse às mulheres viverem independentes do braço ou da tutela do homem.

Joanna Brandt sendo tratada como madame era casada, mas nem por isso deixou de atuar profissionalmente, mesmo que buscasse ofertar cursos e conquistar discípulas, como ponderou Clo, para que as artistas garantissem seu sustento. E Brandt optou por atuar nas artes decorativas. Não era pintora nem escultora, mas artista-decoradora e, como tal, buscou firmar sua posição nessa área artística, que já angariara adeptos desde o movimento Arts & Crafts e promovera criações de liceus e escolas de artes decorativas ou artes industriais pela Europa.

Na 13ª EGBA, em 1906, somente Joanna Brandt se apresentou com uma vitrine contendo trabalhos de couro e bordados. No catálogo, além das mestres citadas no ano anterior, registrava-se ter sido estudante na Escola de Artes e Indústrias Dinamarquesas.<sup>21</sup> No ano de 1907, a seção de Artes Aplicadas da 14ª EGBA contou com três mulheres artistas: a dinamarquesa Joanna Brandt, a alemã Marga Hauer e a francesa Juliette Wencelius. Joanna Brandt expôs:

264. Armário, aplicação de madeira e cobre *repoussé*.

265. Armário, cobre *repoussé*.

266. Armário, estanho *repoussé*.

267. Biombo, trabalho de madeira aplicada, couro *repoussé* e pintura sobre vidro.

268. Cadeira de couro *repoussé*.

270. Mesa (estanho *repoussé*).

271. Vitrina com diversos objetos.

NOTA – Os móveis foram fabricados nas oficinas de Felipe Gelli – Petrópolis.<sup>22</sup>

Os móveis expostos chamaram a atenção do júri a ponto de serem premiados com Medalha de Prata, e da imprensa, sendo fotografados e apresentados na abertura do artigo sobre a Exposição de 1907 na revista *Renascença* (fig. 1). O jogo de materiais e texturas se alia às superfícies planas da madeira, com recortes geométricos. Apesar da pouca definição da imagem, o conjunto de móveis insinua uso de cores, contrastes de claros e escuros, aplicação sensata dos ornatos planares, vegetalistas e com linhas ondulantes e o domínio no desenho e nas proporções.

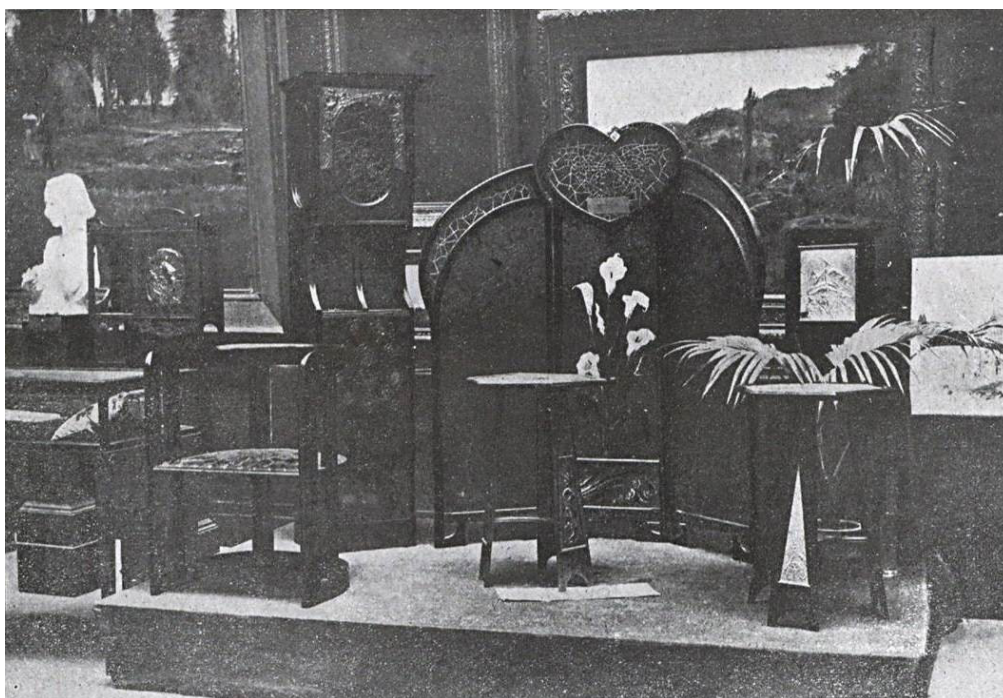


Fig. 1. Móveis expostos na seção de Artes Apicadas na 14º EGBA de autoria de Joanna Brandt – Crônica de arte. *Renascença*, Rio de Janeiro, Nov., 1907, 218. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

No ano seguinte, em setembro de 1908, anunciava-se no *Jornal do Commercio*:

Mme. Joanna Brandt

De volta da viagem à Europa, leciona todas as novidades em trabalhos modernos: couro, metal, marquetaria, incrustações de madeira, madrepérola, metais, etc., vitraux, pochoir, pyrogravura, bordados, etc. Aceita encomendas neste gênero e faz a armação (montage) de qualquer trabalho de couro, metal, bordado, etc., como pastas, porta-retratos, carteiras, blocks, espelhos, bolsas modernas, etc., tudo com esmero e gosto; cartas e chamados à PRAIA DO FLAMENGO N.384, ANTIGO 86.<sup>23</sup> [grafia original]

Ao que tudo indica, Joanna Brandt fixou moradia em fins de 1908 no

Rio de Janeiro, em casa no bairro do Flamengo, onde deveria ter instalado seu ateliê e recebido suas alunas. Entretanto, poucos anos depois registrava-se seu destinatário na cidade de Petrópolis, importante cidade serrana do estado do Rio de Janeiro, onde a elite carioca costumava fugir nos dias mais quentes do ano. Novamente, Brandt pontuava sua versatilidade no domínio de materiais e técnicas diversas, bem como esclarecia que aceitava encomendas, pondo seus serviços profissionais ao público, garantindo que eram “trabalhos modernos”.

Na grande Exposição Nacional de 1908, havia uma seção feminina no Salão Nobre do pavilhão do Distrito Federal, seguindo o hábito de outras exposições, onde as mulheres exibiam seus trabalhos separadamente de artistas homens e empresas. Nos noticiários, destacava-se a presença das alunas de Mme. Brandt (às vezes grafada com Brand). Portanto, incansavelmente, ela procurava apresentar os frutos de seu trabalho como mestra. Mas foi ela quem recebeu o merecimento de “Grande Prêmio”<sup>24</sup> na modalidade de Artes Aplicadas, maior premiação do certame.<sup>25</sup>

Novamente no jornal *A Capital*, foi anunciado em 15 de março de 1909, a abertura da exposição de Joanna Brandt no Palácio de Cristal em Petrópolis, dizendo ser “já bastante conhecida nesta cidade”.<sup>26</sup> No *Jornal do Commercio* de 6 de abril de 1909 noticiava-se a exposição no Palácio de Cristal das discípulas de Joanna Brandt, informando o que cada uma exibia, completando que “Esses trabalhos são o atestado da aplicação de suas alunas e do preparo da professora Brandt, cuja educação artística obteve em institutos de Copenhague, Paris, Berlim e Rio de Janeiro”.<sup>27</sup>

No ano seguinte, na revista *Fon Fon*, de 28 de maio de 1910, era anunciada nova exposição das discípulas de Joanna Brandt no palácio de Cristal, em Petrópolis.<sup>28</sup> Merecendo fotografia do conjunto de peças expostas (fig. 2), em que se nota as estilizações vegetalistas nas decorações aplicadas, com linhas fluidas e efeitos mais planares, a sintetização dos formatos dos móveis, com estruturas delgadas e geometrizadas, trabalhos que se mostravam atualizados com as premissas da arte nova.

Brandt não perdia oportunidades de mostrar os resultados de suas alunas. Até em vitrine de loja, como a Casa Barbosa Freitas (de moda feminina), procurava espaço para publicizar os trabalhos produzidos, rendendo notícias.<sup>29</sup> Em junho de 1914 também expôs no salão do Club dos Diários, no Rio de Janeiro, trabalhos de pintura e gravura sobre seda, madeira e couros”.<sup>30</sup> A exposição ganhou notícia no *Jornal do Commercio* em Notas de Arte.<sup>31</sup> Nesse artigo, pode-se observar uma defesa das artes decorativas ou aplicadas, em especial criadas por mulheres:

Pensando, com muitos artistas eminentes, que a verdadeira raiz e base de toda arte está nos artefatos manuais e que por isso pode e deve haver arte nos objetos mais humildes, e que se pode fazer obra artística com toda matéria prima, tem ela se dedicado à confecção de objetos de que comumente se cercam as senhoras e em cuja fatura aplicam as suas delicadas mãos, objetos que pela habilidade, desenho, gosto e originalidade neles prendados podem ter tanto valor no seu ramo como as obras mais apreciadas de pintura e escultura.<sup>32</sup>



Fig. 2. Exposição das discípulas de Joanna Brandt, realizada no Palácio de Cristal, em Petrópolis – Fon Fon em Petrópolis, *Fon Fon*, Rio de Janeiro, Maio 29, 1910, 49.

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Continuando o artigo, o articulista exemplifica com os móveis criados por Joanna Brandt:

Vemos, por exemplo, interessantes armários e prateleiras para livros, biombos, em que a marcenaria entra com uma boa parte, e em que sabemos que Mme. Brandt contribuiu não só com o desenho como com o seu fino acabamento.<sup>33</sup>

Brandt, portanto, permanecia criando móveis, ramo tão pouco relacionado ao feminino. Ao mesmo tempo, desconhecemos se alguma empresa os produziu para venda, se foram adquiridos por alguém ou se algum sobreviveu em alguma casa particular. Se o espanhol Celso Martinez Carrera é considerado um dos pioneiros dos móveis modernos no Brasil,<sup>34</sup> com sua cama produzida em 1916 (mais tarde fabricada pela Indústria de Móveis Patente), ao que parece, os primeiros móveis de feição moderna, seguindo preceitos da arte nova, foram introduzidos pela artista dinamarquesa, pelo menos desde a Exposição Geral de 1907.

Voltando à reportagem, ao tecer elogios às peças de Brandt, o articulista também mostrava os preconceitos frente às artes decorativas:

Muito poderia ainda se dizer sobre esta interessante exposição: os objetos ali reunidos não podem ser classificados da denominada grande arte, mas são na sua maioria objetos de uso, com qualidades sumamente

atraentes infundidas neles por um espírito finamente artístico e que não deixarão de emprestar um tom elevado e distinto ao meio onde forem colocados.<sup>35</sup>

Eram peças atraentes mas sem a possibilidade de uma fruição estética desinteressada, já que eram objetos de uso e não obras da “grande arte”. Porém, o “espírito finamente artístico” que envolvia tais móveis mereceu que fossem elogiados pelo articulista. Diante de anúncios de móveis de várias empresas cariocas nos periódicos da época, em que se apresentavam fotografias, é visível a adoção das linhas da arte nova em vários modelos apresentados, porém não gozavam, ao que tudo indica, do mesmo apuro estético e inovador dos móveis propostos por Brandt.

### **Atuação de Joanna Brandt nas revistas**

A partir de 1916 Joanna Brandt passou a assinar semanalmente uma seção de artes decorativas na revista *Selecta*,<sup>36</sup> periódico dirigido ao público feminino. A apresentação<sup>37</sup> aos leitores foi realizada pela renomada escritora Júlia Lopes de Almeida,<sup>38</sup> quando afirmou que não havia no Rio de Janeiro quem ignorasse o nome de Joanna Brandt e desconhecesse seu mérito, alertando que “não é uma simples ‘professora de bordados’, como vulgarmente se diz”,<sup>39</sup> mostrando o quanto de preconceito envolvia a produção decorativa com linhas e agulhas. Joanna Brandt possuía à época ateliê em Petrópolis e, segundo Almeida,

No seu ateliê tanto se ocupa em desenhar e fazer executar sob as suas vistas exigentes, mobílias de estilo, segundo o país ou a época escolhida; como cria ela mesmo, da sua imaginação fecunda e curiosíssima, motivos originais para as suas rendas, as suas pastas, as suas almofadas, as suas louças, os seus biombos, os seus reposteiros ou tapetes, as suas lâmpadas ou estantes.<sup>40</sup>

Os motivos originais estavam justificados pela explicação dada de que Joanna Brandt se negava a recorrer a riscos de livros e revistas. Sua atuação, desse modo, colocava-se como uma artista-decoradora (ou designer, na acepção atual), cujos projetos se voltavam para artefatos domésticos. Se ainda não havia formação em artes aplicadas no Brasil, seria Joanna Brandt a primeira artista decoradora profissional em terras brasileiras? E suas discípulas continuavam a expor, inclusive nas Exposições Gerais de Belas Artes.<sup>41</sup>

Na sua estreia na revista apresentou a almofada intitulada “*Selecta*”, uma homenagem estratégica ao periódico que a contratava para expor seus trabalhos às distintas leitoras. Segundo Júlia Lopes de Almeida: “A professora d. Joanna Brandt, através de desenhos originais e exposições claras, fornece semanalmente às leitoras de *Selecta* verdadeiros modelos de bom gosto para interiores e toilettes”.<sup>42</sup> Enquanto muitas mulheres assinavam sob pseudônimo colunas ou ilustrações, Joanna Brandt não temia expor seu nome e sobrenome, mas continuava irremediavelmente voltada ao universo feminino, como se não houvesse espaço possível para atuar profissionalmente nas áreas dominadas

pelos homens. Nesse sentido, ela tinha plena consciência a quem dirigir seus trabalhos, projetos e aulas. Eram para as mulheres que seus interesses se voltavam, percebendo na realidade em que se situava, que os homens pouco ou nada davam chance às mulheres de atuarem profissionalmente, ainda mais no ramo de criar objetos e os comercializar.

Finalizando a apresentação às leitoras, Julia Lopes de Almeida, sentenciava: “D. Joanna Brandt por isso não representa a meus olhos apenas uma mestra de “arte aplicada” mas uma “Escola” de beleza, de carinho e conforto para o lar, em que as próprias coisas mudas têm voz...”.<sup>43</sup> O carinho, decerto não era um atributo concernente a peças criadas por homens, embora beleza e conforto já estivessem impressos nos discursos desde o movimento britânico Arts & Crafts. A escritora Lopes de Almeida discursava para as leitoras e negociava a recepção das artes aplicadas entre elas, apelando para o carinho da decoração, como algo do coração, da ordem do afeto, que seria próprio ao mundo feminino, ao mesmo tempo que indicava seus benefícios pela via da beleza e do conforto. Seria por meio da estética, por outro lado, que os objetos serventes, mudos e inertes passariam a “ter voz”. Pelo que tudo indica, as criações de Joanna Brandt possuíam requisitos que se sobressaíam frente aos objetos costumeiramente encontrados nas casas cariocas e petropolitanas, impondo-se por sua voz ativa e diferenciada.

Em seguida à apresentação da famosa escritora, era a própria Joanna Brandt que se dirigia às leitoras, mostrando a importância das artes decorativas para as mulheres: “Hoje oferece a arte decorativa um campo muito mais rico à mulher habilidosa, a título de arte feminina”.<sup>44</sup> Entretanto, ela alertava que muitas mulheres não possuíam o conhecimento capaz de criar uma arte decorativa bela e harmônica. Desse modo, era ela a profissional indicada para orientar as leitoras que se interessassem em se dedicar à “arte feminina”. Joanna Brandt ainda esclarecia o que pretendia ofertar:

Temos a intenção de apresentar nesta seção reproduções de trabalhos modernos, que obedeçam às regras acima mencionadas, acompanhadas de explicações e conselhos modestos. Pouco a pouco vamos trazer modelos e ideias para almofadas, reposteiros, stores, biombos, lâmpadas, abat-jours, painéis decorativos, etc., assim como de pequenos móveis artísticos, todos baseados em técnicas fáceis, com o intuito de divulgar o gosto para estes trabalhos, que tanto cunho de arte dão às habitações modernas.<sup>45</sup>

No próprio número 43 apresentou o desenho de uma mesa, sua perspectiva e detalhe do tampo, e dois trabalhos de agulha em fotografias: a mesinha Stela<sup>46</sup> e os sachês Alcine e Antonieta (fig. 3). A mesa de três pernas trapezoidais planares e inclinadas são unidas por uma trave triangular com faces arredondadas e das pernas saem três apoios de 1/4 de círculo que auxiliam a sustentar o tampo circular. Uma faixa no tampo da mesa apresenta decoração com folhas e pétalas de flores geometrizadas planificadas, cujos motivos estão bem distantes de referências estilísticas do passado, enfatizando o processo de simplificação de formas.



# ARTE DECORATIVA



## TRABALHOS FEMININOS

**Mezinha "Stella"**

Com as dimensões de 76 cm. de altura e 54 cm. em diâmetro esta mezinha completa com muita distinção qualquer *interieur*, tendo as qualidades ótimas de ser útil e agradável ao mesmo tempo. O nosso modelo é feito em peroba com a decoração em pyrogravura commum, apenas com traços muito eguaes.

Para obter a cor mais escura, das duas circunferencia, que fazem as divisões entre a parte lisa e a parte decorada, usa-se tinta preta, cor de elbano ou então *nankin*, como se usa para desenho.

Folhagens finas, anthers e estames nas tres das grandes flores e a curva central nas outras tres é tudo feito com esta cor. A cor media que se vê no círculo inferior, na parte que está cercado a parte decorada e nas petalas das grandes flores é de *vieux-chêne* media, emquanto a cor clara, bastante accentuada no desenho é pintada com tinta branca de oleo, diluida em gottas de benzina e um pouco de verniz *flattig*, sobre uma camada de verniz *gumma-lacca* passada previamente nos respectivos lugares.

Esta tinta deve secar bem antes de qualquer processo de *vernissage*.

A parte decorativa nos pés da meza e da pequena prateleira em baixo obedece ás mesmas regras a que obedece o taboleiro, sendo que o fundo daquelle é de *vieux-chêne* medio.



**Chapa para a mezinha «Stella».**  
*(Desenho original de Mme Brandt)*



**Mezinha «Stella».**  
*(Desenho original de Mme Brandt)*

O trabalho pôde envernizar-se em casa com *flattig* ou outro verniz de base semelhante (evitem a poeira!), mas se fór polido por pessoa competente é recompensada esta despeza com um resultado excellente, apresentando um trabalho cheio de cui ho de arte, embora de technica simples e facilissima.

Encarrego-me de fornecer a mezinha concuida. Forneço tambem a meza com o desenho feito.

Preços contra pedido.

Preço do desenho completo, para o taboleiro, os pés e para a prateleira, ao todo 3 desenhos — 6\$00, enviado registrado pelo correio. A importancia pôde ser incluida em sellos em carta registrada com valor.

**Sachets "Aline" e "Antonietta"**

Uma duvida sobre um trabalho a offerer a uma amiguinha, muitas vezes se resolve assim: um *sachet*, pelo simples motivo, de ser um objecto de que todas as senhoras gostam! Tendo um *sachet* para lenços, já a consciencia nos manda pôr os lenços nelle, e se um *sachet* é para luvas, que encanto o guardar as luvas, esticadas depois do uso, encontrando-as fresquinhas! Os véos dobrados num *sachet*, conservam



**Sachet «Antonietta».**

Fig. 3. Páginas da seção Arte Decorativa – Trabalhos Femininos, de autoria de Joanna Brandt, na edição de no. 43 da revista *Selecta*, onde apresenta a mesinha Stella e os sachês Aline e Antonietta – Joanna Brandt, “Arte Decorativa – Trabalhos femininos,” *Selecta*, Rio de Janeiro, no.43, Out. 28, 1916, 19-20. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

As instruções especificavam os materiais utilizados para a execução da decoração, as etapas do processo até o acabamento final. Já os sachês, um era para guardar luvas e o outro para lenços, com variados tipos de pontos, desde o filé ao ponto cheio. Ao final de todas as explicações, Joanna Brandt esclarecia que se encarregava de executar os trabalhos ou fornecer os modelos e materiais para quem quisesse fazê-los por si mesma, elucidando os preços e o modo de envio pelos correios.

Nos números seguintes, apresentou outros móveis,<sup>47</sup> entretanto, dominaram os trabalhos têxteis, apresentados em fotografias, como almofadas, panos para cadeiras, cortinas, centros de mesa, bolsas, guardanapos, lenços e roupas, todos com títulos de nomes de mulheres e sempre com legendas “desenho original de Mme. Brandt”. As almofadas eram dos mais diversos formatos e as decorações eram preferencialmente vegetalistas, florais e estilizadas. Diferente da prática frente aos trabalhos decorativos, Brandt intitulava cada um de seus trabalhos, trazendo também uma inovação nessa área e homenageando as mulheres, já que todos os objetos recebiam nomes femininos. E Joanna Brandt continuava a expor seus trabalhos, como na 1ª Exposição Nacional de Arte Feminina, ocorrida em 1919, quando apresentou obras têxteis e aparelhos de louça de seu fabrico.<sup>48</sup>

Em 1927, Joanna Brandt passou a contribuir para *Vida Doméstica, revista do lar e da mulher*.<sup>49</sup> Dessa vez ela era responsável por duas seções: “Trabalhos Femininos”, como anteriormente na revista *Selecta*, e “Arte Decorativa – como mobiliar e decorar a casa”. Nesta última seção também respondia dúvidas e fornecia orientações às leitoras a partir de cartas recebidas de todo o Brasil. Permaneceu como colaboradora até 1932.

Nas suas orientações sobre decoração, Joanna Brandt não assumiu a postura das rupturas das vanguardas europeias, mantendo-se num modernismo moderado, muito provavelmente porque seu público consumidor não aceitaria propostas arrojadas e o que ela propunha se materializaria por meio de mãos femininas e não industriais. Ela permaneceu fiel a uma arte decorativa personalizada, feita à mão, negociando entre feitos e desenhos atualizados e sua execução de modo artesanal, ainda que os móveis fossem construídos por marceneiros. Em certo sentido, Brandt advogava a favor de uma arte manual, o que, a princípio, seria considerado incompatível com o design moderno, cujo fundamento historiográfico esteve respaldado nos projetos seriais para a indústria. Contudo, frente às revisões nas últimas décadas dos postulados modernistas ou das próprias posturas da história da arte, há muitos trabalhos artísticos, especialmente femininos, a serem resgatados e permitirem ultrapassar posturas rígidas e sectárias.

Naseção “Trabalhos Femininos” na revista *Vida Doméstica* predominaram os trabalhos manuais com têxteis (os móveis ficaram destinados à outra seção). Os bordados apresentados eram todos declarados como de desenhos originais. Ela explicava cada trabalho manual, definindo tecido, linhas, pontos e cores. Já não se viam bordados minúsculos, com linhas compositivas muito imbricadas. Ao contrário. As flores e folhas continuavam como motivos, mas bem mais geometrizados e parcimoniosos. apesar da permanência dos trabalhos manuais com agulha, linha e tecido. Apesar de as fotografias serem em preto e branco, pelas explicações, nota-se o uso mais deliberado das cores diversificadas num mesmo trabalho.

Oportunamente, ela não deixava de anunciar seus serviços na mesma revista (fig. 4), intitulando-se como Madame J. Brandt. Informava suas premiações e estudos em Paris e Copenhague e apresentava tudo que era capaz de fazer, podendo enviar trabalhos para qualquer parte do Brasil. Incluía também projetos para decoração de casas, sublinhando que poderia fornecer

todos os móveis e as ornamentações ou peças avulsas, usando ainda o jargão “Arte, gosto e originalidade”. Sem dúvida, ela sabia fazer autopropaganda, diferenciando-se das demais artistas-decoradoras que não ousaram tanto em ofertar seus serviços publicamente e tão detalhadamente. O reconhecimento de seu mérito lhe valeu o convite para integrar o júri estrangeiro na Exposição Internacional do Centenário da Independência, em 1922, nas classes 63, 89 e 92.<sup>50</sup>

# Madame J. Brandt

**PETROPOLIS e RIO DE JANEIRO**

(Grand Prix na Exposição Nacional de 1908, Grande Medalha de Prata na XXIII Exposição Geral de Bellas Artes de 1916, Hors Concours, membro do Jury da Exposição Nacional de 1922).—Estudos em Paris e Copenhague.

**A**CCETA encomendas de todos os trabalhos modernos e decorativos em couro, metal, batik, bordados finos de toda a qualidade, etc., para enfeite de casa, para presentes de festas comemorativas, casamentos, etc.

**GUARNIÇÕES COMPLETAS PARA QUARTO DE NOIVA**

Almofadas	Lustres	Toalhas para chá	Pastas
Abat-jours	Stores	Pannos para mesa	Paramentos
Lampadas	Cortinas	Colchas	Jardineiras
			Cachepots

**ENVIA PARA QUALQUER PARTE DO BRASIL**

*Encarrega-se de mobilar e decorar casas, tanto de cidade como de campo, fornecendo todos os moveis e ornamentações, bem como peças avulsas.*

**ARTE, GOSTO E ORIGINALIDADE**

**PREÇOS RASOAVEIS – ORÇAMENTOS A PEDIDO**

**Telephone de residencia: PETROPOLIS 670**

ENDEREÇO:

**Caixa Postal N. 2 - PETROPOLIS - Est. do Rio**

CHAMADOS NO RIO:

Rua Marquez de Abrantes, 109 — Tel. B. M. 1170

Fig. 4. Anúncio dos serviços de Joanna Brandt – Mme. J. Brandt, *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, no.114, Set., 1927, 127. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Ainda na década de 1920, Joanna Brandt atuou na revista *Única* como ilustradora, conforme declarado no jornal *O Paiz* de 6 de setembro de 1925,<sup>51</sup> constando seu nome dentre as ilustradoras no expediente da revista. Também expôs anúncio na mesma revista com os seguintes dizeres: “Mme. Joanna Brandt de volta da Europa onde trouxe as últimas novidades, reabre o seu curso de artes aplicadas”.<sup>52</sup>

Alguns anos depois, em 1929, lançou o livro *O Bordado na Ornamentação do Lar*,<sup>53</sup> cujos desenhos eram todos de sua autoria. Custava 13 mil réis (pelo correio, registrado) e era vendido exclusivamente pela própria Joanna Brandt, com pedidos enviados para a Caixa Postal n.2, em Petrópolis.<sup>54</sup>

Na reportagem da revista *Vida Doméstica*, o livro foi anunciado com o título “Um belo livro de bordados”. Em página inteira expunham-se três fotografias de seus bordados, todos intitulados com nomes de mulheres – centro de mesa Lucia, almofada Helga, abafador Ena – e o seu retrato (fig. 5). A sua imagem, pelo tipo de penteado e vestimenta, deveria ser do início do século XX, quando ainda era jovem.<sup>55</sup>



Fig. 5. Imagem da página com a reportagem sobre o livro *O Bordado na Ornamentação do Lar*, com imagem de três trabalhos que constavam no referido livro e seu retrato. Ao lado, imagem de seu retrato ampliado – revista *Vida Doméstica*, no. 137, de agosto de 1929. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A *Revista da Semana* também apresentou seu livro, trazendo as seguintes informações:

O BORDADO NA ORNAMENTAÇÃO DO LAR – por Madame J. Brandt – Rio – 1929

A sra. Joanna Brandt – que nas nossas exposições nacionais e nos “Salões” da nossa Escola de Belas Artes, tem obtido prêmios e distinções mais elevados – dá-nos agora, em elegante e esmerada brochura, com desenhos dos mais puro gosto, uma série de lições sobre bordados, que não só as moças ainda a educar-se e a preñar-se mas também às donas de

casa e a todas as mulheres se poderão tornar extraordinariamente úteis e preciosas. A senhora Brandt fez das artes aplicadas uma verdadeira arte; e, possuindo, além disso, todos os dotes de educadora e de mestra, explica as suas criações e estilizações com uma clareza exemplar. Não há de certo quem não entenda o que ela ensina; e nenhuma senhora ou menina deixará de poder, com maior ou menor aplicação, executar os seus processos de bordar, tão singelamente a professora expõe por estas páginas fora.

O livro da senhora J. Brandt – tal a sua assinatura de artista e de escritora – está indubitavelmente destinado a um grande êxito.<sup>56</sup>

Mesmo que uma artista-decoradora multifacetada, Joanna Brandt, atenta ao meio em que vivia e do perfil das consumidoras em potencial, optou por priorizar os bordados, canalizando seus esforços para criar modelos originais e que denotassem sua modernidade têxtil.

Certamente, por se tratar de trabalhos de agulha, pouca atenção foi dada a essa sua atividade de criar peças e riscos para objetos têxteis domésticos porque, comumente, os bordados não foram considerados no campo do design nem nas artes aplicadas. Se assistimos nos anos recentes ao resgate de trabalhos de mulheres e sua contribuição ao design moderno,<sup>57</sup> com Annie Albers, Gunta Stölzl, Marianne Brandt, Charlotte Perriand, Lilly Reich, dentre outras, os bordados ficaram encobertos pelos preconceitos ligados àqueles já mencionados “trabalhos de senhoras”, termo de época, como fossem uma vertente têxtil proibida de ser pensada pelos movimentos de vanguarda, já que guardavam ainda preocupações decorativas e submetidos à manualidade. Será que um bordado não teria a possibilidade de ser moderno? Poderíamos imaginar a resposta que Joanna Brandt daria...

Em 1932, ela resolveu criar sua própria revista – *Lar Moderno*<sup>58</sup> (fig. 6). Em notícia no *Jornal do Brasil*, era anunciada da seguinte maneira:

Lar Moderno. Sob direção da provecta professora senhora D. Joana Brandt, a útil e proveitosa revista, cujo título encabeça estas linhas, entrou em franco êxito, demonstrado pela aceitação que tem obtido. Revista mensal ilustrada profusamente, abordando todos os assuntos referentes à vida do lar desenvolve temas importantes de artes aplicadas, em que sua diretora tem demonstrado notável proficiência, já nos trabalhos particulares, bem conhecidos em nosso meio já nas exposições oficiais de belas artes, onde tem alcançado os elevados prêmios.<sup>59</sup>

A “provecta professora”, assim divulgado como de adiantada idade, continuava buscando estratégias para a divulgação de seus trabalhos e garantindo projetos atualizados para as artes domésticas. Era tratada como professora e não artista, ainda que o articulista tenha salientado sua “notável proficiência”, bem como seu êxito nas exposições oficiais.

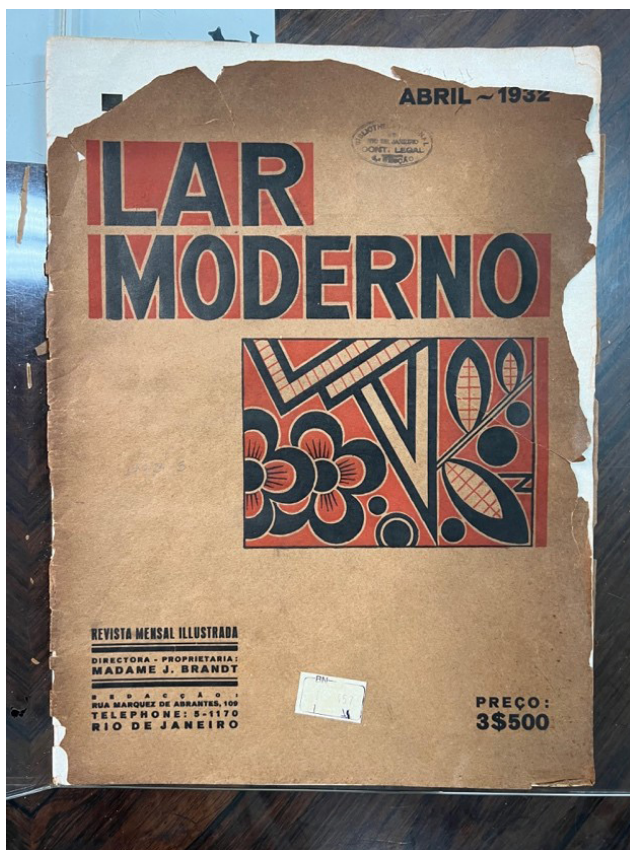


Fig. 6. Revista *Lar Moderno*, editado por Joana Brandt, edição de abril de 1932, capa e página 21, com “Três almofadas modernas”. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

### Considerações finais

Joanna Brandt além de criar peças dos mais variados materiais e nas mais diversas técnicas, dava aulas, aceitava encomendas, realizava os riscos para as freguesas menos habilidosas e colaborava para revistas. Quem terá sido sua aluna ou encomendado seus trabalhos? Quem terá realizado coisas a partir de suas orientações e de seus modelos veiculados nos periódicos? Onde estão os objetos de artes aplicadas dessa artista? Até o momento, não se encontrou em nenhum acervo no Rio de Janeiro ou em Petrópolis qualquer dos seus trabalhos. Sua memória foi apagada, sua contribuição desconsiderada. Entretanto, do que levantamos até o presente nos periódicos é indiscutível sua atuação profissional nas artes decorativas e sua contribuição para a modernização dos objetos domésticos. E é revelador que uma mulher tenha operado na criação de coisas modernas e não tenha sido considerada na história da arte e do design, cujas escolhas incidiram na produção industrial e nas autorias masculinas.

E para além da sua atuação como artista-decoradora, também aderiu a eventos sobre emancipações femininas, como no Congresso Internacional Feminista, quando representou a Dinamarca. Em reportagem na *Vida Doméstica*, sobre o II Congresso de 1931, seu rosto é retratado (fig. 7) entre outras delegadas. Da sua imagem veiculada na reportagem do lançamento de seu livro, é notável que os anos se passaram, mas seu olhar não é nada passivo. Tem força de quem sabe o seu papel no mundo.



Fig. 7. Imagem de Joanna Brandt na reportagem sobre o II Congresso Internacional Feminista, ocorrido no Rio de Janeiro – O 2º Congresso. *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, no.161, Ago., 1931, 55. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Em 15 de dezembro de 1939 era anunciado no *Jornal do Commercio*<sup>60</sup> a missa de sétimo dia de Joanna Brandt, realizada na igreja da Candelária no Rio de Janeiro, sendo apresentada como esposa do sr. Alberto Brandt.<sup>61</sup> Não sabemos com que idade veio a falecer, mas podemos supor que já estava com idade avançada pelas indicações encontradas em outras reportagens. Até o momento, só encontramos três fotografias suas, mas, em compensação, são centenas de trabalhos registrados por ela realizados.

Ainda que a notícia sobre seu falecimento tenha sido encontrada na seção de missas do jornal, não houve nenhuma menção ao seu trabalho artístico. Não foi encontrada nenhuma reportagem que lembrasse de sua atuação como artista-decoradora no Brasil, como se costumava fazer em relação aos artistas homens que faleciam.

Por enquanto, foram os periódicos que preservaram suas criações e foi por meio deles que pudemos iluminar sua trajetória como artista-decoradora ou designer no Brasil. Quem sabe ela também tenha tido alguma atuação na Europa, já que nascida na Dinamarca, com passagens na França e Alemanha e tendo viajado por diversas vezes ao velho continente desde o Brasil? Temos consciência que puxamos um fio, um fio que pode indicar a primeira artista-decoradora profissional no Brasil que, embora dinamarquesa, escolheu o Brasil para viver, para viver da sua arte e a viver e compartilhar a sua arte – uma arte decorativa moderna. Desse fio, outros poderão ser puxados e com muitos fios visíveis será possível construir uma tessitura que permita fazer jus à atuação de tantas outras mulheres e, desse modo, podermos mudar as tramas da história da arte, do design e do mobiliário.

A trajetória de Joanna Brandt é mais uma das muitas ações de mulheres que protagonizaram a cena artística de sua época, cujos preconceitos historiográficos e sociais acabaram por encobrir suas criações e contribuições para as artes modernas. Qualificados como “trabalhos femininos”, nome inclusive das seções que Joanna Brandt assinou nas revistas *Selecta* e *Vida Doméstica*, muitas produções femininas ainda precisam ser resgatadas para a reescrita das artes decorativas e aplicadas modernas. Aliás, o título da sua própria revista deixava claro que sua colaboração no mundo artístico foi a de criar um lar moderno.

## NOTAS

<sup>1</sup> Ana Paula Cavalcanti Simioni, *Profissão artista: pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras* (São Paulo: EdUSP, 2019).

<sup>2</sup> Marize Malta, “Abaixo a insignificância do desenho e a chateza de concepção! Modernidades encobertas nas artes aplicadas de entresséculos,” in *Anais do 13º Seminário do Museu D. João VI*, ed. Ana Cavalcanti et al. (Rio de Janeiro: EBA-UFRJ, 2024), 175-191.

<sup>3</sup> Liga Promotora dos Trabalhos Femininos, *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, no. 238, Ago. 26, 1902, 1.

<sup>4</sup> Escola Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, *Catálogo da 12ª Exposição Geral de Bellas-Artes* (Rio de Janeiro: ENBA, 1905), 27-28.

<sup>5</sup> Trata-se de Eliseu Visconti, um dos artistas consagrados no Brasil, capaz de atuar tanto na pintura como no design. Para maiores informações, acessar o site do Projeto Eliseu Visconti. Disponível em: <https://eliseuvisconti.com.br/>.

<sup>6</sup> Z., “Abertura da exposição,” *Gazeta de Notícias*, no.244, Bellas-Artes, Set. 2, 1905, 3.

<sup>7</sup> No XV Encontro de História da Arte promovido pelo Programa de Pós-Graduação em História da Unicamp, ocorrido em 2021, apresentei uma conferência a respeito da relação entre decoração e o gênero feminino, quando fiz menção à Joanna Brandt e o que havia recolhido de informações sobre ela até então. Marize Malta, “Quando decorar só se conjuga no feminino: a construção do lugar decorativo na arte, efeitos e preconceitos.” *Atas do XV Encontro de História da Arte* 15 (2022): 25-45, <https://doi.org/10.20396/eha.15.2021.4715>.

<sup>8</sup> Vale ressaltar que em 2022, ano de comemoração do centenário da Semana de Arte Moderna, houve inúmeras manifestações, dentre ciclo de palestras, dossiês em revistas, livros e exposições, que revisaram e debateram a historiografia e as bases teóricas que definiam o que era ou não moderno. Discutindo outros modernismos possíveis, trazendo à tona manifestações de outras regiões brasileiras, para além de São Paulo, ampliou-se a visão da cronologia e dos conceitos acerca da modernidade no Brasil.

<sup>9</sup> Ainda que possamos estabelecer diferenças históricas e conceituais dos termos artes decorativas e artes aplicadas, no presente artigo estão sendo considerados como sinônimos, muito porque no Brasil eles eram usados indistintamente pelo século XIX e boa parte do século XX.

<sup>10</sup> Desde Simone de Beauvoir, em o *Segundo Sexo*, de 1963, passando por Linda Nochlin com o consagrado artigo *Por que não houve grandes mulheres artistas?*, de 1971, Rozsika Parker com seu livro sobre o ponto subversivo, lançado em 1984, que se juntou a Griselda Pollock, invocando a “contra-história”, o lugar das mulheres na arte foi sendo ampliado, ganhando contribuições de Lucy Lippard, Cindy Nemser, Arlene Raven, Bell Hooks, Angela Davis, Judith Butler, seguindo com Witney Chadwick, Elissa Auther, Deborah Krohn, Marjan Groot, María Lugones, Djamila Ribeiro, Chimamanda Adichie, Ana Paula Simioni e muitas outras, que não cabem aqui elencar. Em virtude da dimensão do artigo, suprimimos as referências dessas obras na bibliografia. Certamente, esse movimento feminista fundamental na história e na história da arte ainda tem muito o que revelar sobre a atuação das mulheres na arte e nas artes aplicadas.

<sup>11</sup> Como ponderou Rafael Cardoso sobre a arte nova ou o *art nouveau* no Brasil, “Ao longo dos primeiros quinze anos do século XX, surgiu no Rio de Janeiro uma concepção peculiar de modernismo, identificado por essa palavra de modo consciente e engajado”. Rafael Cardoso, *Modernidade em preto e branco: arte e imagem, raça e identidade no Brasil, 1890-1945* (São Paulo: Companhia das Letras, 2022), 148. Ainda que tenha focalizado as revistas de grande circulação e os artistas gráficos que tiveram a “possibilidade de experimentar soluções inéditas

e de inovar em matéria de linguagem visual” (Ibid., p.149), é relevante a postura de considerar essa inovação artística desenvolvida no Rio de Janeiro, já que, para além das revistas, houve várias produções nessa linguagem nas artes decorativas, incluindo as peças de Joanna Brandt.

<sup>12</sup> Exposição, *O Fluminense*, Niterói, no. 6062, Out. 10, 1905, 3.

<sup>13</sup> No dia 9 de outubro, o mesmo jornal anunciava a exposição, agradecendo o envio do convite para a redação, enfatizando que era “exposição de trabalhos artísticos das inteligentes discípulas da professora Joanna Brandt”. Exposição, *O Fluminense*, Niterói, no. 6061, Out. 9, 1905, 1.

<sup>14</sup> Club Internacional, *O Fluminense*, Niterói, no.6065, Out. 13, 1905, 2.

<sup>15</sup> Como exemplo: “Três lindas carteiras de couro, um banco com assento de couro dourado e um pano bordado à seda e a ouro para piano, trabalho de mme. Augusta de Carvalho Moraes, em quatro meses, uma vez por semana”. Club Internacional, *O Fluminense*, Niterói, no.6065, Out. 13, 1905, 2.

<sup>16</sup> Ibid.

<sup>17</sup> Trabalhos decorativos, *O Fluminense*, Niterói, no.6081, Out. 29, 1905, 3.

<sup>18</sup> No Almanak Laemmert para o ano de 1905, Joana Brandt estava registrada no Artigo 738, onde constavam Professores de pintura e de desenho (*Almanak Laemmert*, 1905, 771), mantendo-se assim até o ano de 1908. É de se destacar que na lista dos profissionais, não consta o nome de Joanna Brandt. Seu nome reaparece em 1915 como professora, constando o endereço rua Leite Leal 23, Central (*Almanak Laemmert*, 1915, 1659). Aparece em 1925, o Instituto Ginástica Mlle. Brandt [Margarida Brandt] de Massagem Médica, à rua Marquês de Abrantes, 142 (*Almanak Laemmert*, 1925, 788), passando para o nº 109 nos anos subsequentes, com registro até 1938.

<sup>19</sup> Exposição, *O Fluminense*, Niterói, no.6363, Ago. 11, 1906, 1.

<sup>20</sup> Clo, “Mulher-artista,” *O Rio Chic*, Rio de Janeiro, Ago. 26, 1905, 1.

<sup>21</sup> Data de 1875 a fundação de uma escola de artes e ofícios em Copenhague (Tegneog Kunstindustriskolen), iniciativa da Sociedade de Mulheres Dinamarquesas a fim de profissionalizar mulheres para diversos ramos industriais. Elna Mygdahl, *Tegne-og Kunstindustriskolen for Kvinder, 1876-1926*. Tilbageblik Skolens Virksomhed og Undvikling (KØbenhavn: Tegne-og Kunstindustriskolen for Kvinder, 1926).

<sup>22</sup> Escola Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, *14ª Exposição Geral de Bellas-Artes* (Rio de Janeiro: 1907): 29.

<sup>23</sup> Joanna Brandt, “Mme. Brandt,” *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Set. 10, 1908, 13.

<sup>24</sup> No pavilhão do Distrito Federal mereceram “Grandes Prêmios” na modalidade de artes aplicadas: Companhia Grés e Faiences Nacionais; Castro Silva; Manoel Ferreira Tunes; D. J. Wencelius, D. Eugenia de Barros Oliveira; Mad. Jeanne Brandt [sic]; Farinha Carvalho & C<sup>a</sup> (*Almanak Laemmert*, 1909, 2414).

<sup>25</sup> Ibid.

<sup>26</sup> Petrópolis, *A Capital*, Niterói, no.2576, Mar. 15, 1909, 1.

<sup>27</sup> Petrópolis, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Abr. 6, 1909, 4.

<sup>28</sup> Nesse anúncio, eram enumeradas as discípulas de Joanna Brandt: Mme. Heloisa Leal, Mlle. Maria Vidal (filha do Barão de S. Margarida), Mlle. Alberto de Faria, Mlles. Elisa e Castorina de Oliveira Castro, Mme. Arthur Lemos, Mlle. Regina Amoroso Lima, Mlle. Abigail Real, Mme. Monteiro Alves, Mlles. Antonio de Oliveira Castro, Mlle. Moreira da Fonseca, Mme. Carolina Pinto, Mlle. Paula Fonseca, Mlle. Grandmasson e Mlle. Constantino Nery (Fon Fon em Petrópolis, *Fon Fon*, Rio de Janeiro, Maio 29, 1910, 49). Relevante notar que eram poucas as mulheres registradas com seu primeiro nome, predominando os sobrenomes de seus maridos ou pais.

<sup>29</sup> Assim anunciava a revista *Fon Fon*: “A exímia e conhecida professora de pintura e pirogravura, Mme. Brandt, expôs durante a semana finda, numa das vitrines da Casa Barbosa Freitas, os trabalhos de suas numerosas alunas, pertencentes à nossa melhor sociedade. Foi uma linda exposição que bem patenteou o alto mérito de Joanna Brandt”. *Notas Artísticas, Fon Fon*, Rio de Janeiro, Jul. 12, 1913, 38.

<sup>30</sup> Um aspecto da exposição..., *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, no.20, Jun. 27, 1914, 24.

<sup>31</sup> Exposição de Trabalhos da Sra. Joanna Brandt, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, *Notas de Arte*, Jun. 19, 1914, 5.

<sup>32</sup> *Ibid.*

<sup>33</sup> *Ibid.*

<sup>34</sup> Maria Cecília Loscchiavo dos Santos, *O móvel moderno no Brasil* (São Paulo: Nobel, EdUSP, 1995).

<sup>35</sup> Exposição de Trabalhos da Sra. Joanna Brandt, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, *Notas de Arte*, Jun. 19, 1914, 5.

<sup>36</sup> Joanna Brandt permaneceu colaborando com a revista *Selecta* até o ano de 1920.

<sup>37</sup> A mesma apresentação foi publicada na revista *Fon Fon*, do mesmo grupo editorial da *Selecta*, que costumava anunciar o sumário de cada número da revista *Selecta*. Julia Lopes de Almeida, “Arte decorativa,” *Fon Fon*, Rio de Janeiro, no. 45, Nov. 4, 1918, 23.

<sup>38</sup> Julia Lopes de Almeida, “Às leitoras de “Selecta,” *Selecta*, no.43, Out. 28, 1916, 19.

<sup>39</sup> *Ibid.*

<sup>40</sup> *Ibid.*

<sup>41</sup> Exposição Geral de Bellas Artes, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, *Notas de Arte*, Set. 16, 1916, 5.

<sup>42</sup> Julia Lopes de Almeida, “Às leitoras de “Selecta,” *Selecta*, no.43, Out. 28, 1916, 19.

<sup>43</sup> *Ibid.*

<sup>44</sup> Joanna Brandt, “Arte decorativa – trabalhos femininos,” *Selecta*, no.43, Out. 28, 1916, 19.

<sup>45</sup> *Ibid.*

<sup>46</sup> A mesinha era assim descrita: “Com as dimensões de 76 cm de altura e 54 cm em diâmetro esta mesinha completa com muita distinção qualquer *intérieur*, tendo as qualidades ótimas de ser útil e agradável ao mesmo tempo. O nosso modelo é feito em peroba com decoração em pirogravura comum, apenas com traços muito iguais”. *Ibid.*

<sup>47</sup> Os móveis apresentados na revista foram: as jardineiras Marietta e Alice, o *bureau-bibliothèque* Augusta, a prateleira Maria Luiza, a mesinha Stella, o armário para remédios Sinhá, o paravento Vera, o cesto de papel Olga, o armário para parede Hedda, o armário para livros Mercedes, o porta-chaves Lili, a estante Theodora, a cadeira Minna, o cachepô Marina e os abajures Maria Elisa, Edina, Bodil, Sylvette e Chiquita.

<sup>48</sup> Uma exposição nacional de arte feminina, *Revista Feminina*, São Paulo, no.65, Out., 1919, 25.

<sup>49</sup> A revista carioca foi editada entre 1920 e 1962, de periodicidade mensal, voltada para as famílias de elite, embora mais consumida pelos segmentos médios, enaltecendo os valores familiares e procurando se situar entre o tradicional e o moderno. Com colaborações femininas e masculinas. Elizângela Barbosa Cardoso, “Entre o tradicional e o moderno: os feminismos na revista *Vida Doméstica*,” *Gênero*, Niterói, v.9, no.2, 1º Sem., 2009, 103-134. <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30907/17996>.

<sup>50</sup> Exposição Internacional do Centenário – Jury de recompensas, *Fon Fon*, no.43, Out. 28, 1922, 65-66.

<sup>51</sup> Conforme o anúncio na seção *Publicações* de *O Paiz*, a revista *Única* recebia o subtítulo de revista feminina de literatura, sociologia e elegância, sendo dirigida por Francisca de

Vasconcellos Basto Cordeiro, sendo inteiramente editada e escrita por mulheres, com ilustrações de Dina Coelho Neto, Joanna Brandt, Sylvia Meyer, etc. Única, *O Paiz*, Rio de Janeiro, Set. 6, 1925, 6. A revista teve seu primeiro número editado em julho de 1925 apresentando-se como “Programma da revista feminina de arte, elegância, literaturas, vida social e doméstica”. Era de periodicidade mensal e contou com 16 números, sendo a última edição em abril de 1927, conforme descrição da revista no site da Biblioteca Nacional. Maria Ione Caser da Costa, “Única: revista feminina,” *Periódicos & Literatura*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, s.d. <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/titulos-impresos-periodicos-literatura/unica-revista-feminina/>.

<sup>52</sup> Mme. Joanna Brandt de volta da Europa, *Única*, Rio de Janeiro, no. 2, Ago., 1925, 6.

<sup>53</sup> Até o momento não conseguimos localizar nenhum exemplar do seu livro.

<sup>54</sup> Ao que tudo indica, Joanna Brandt manteve dois endereços profissionais, tanto no Flamengo, na cidade do Rio de Janeiro, quanto em Petrópolis, ainda que fossem, ao que parece, correspondentes a locais de moradia.

<sup>55</sup> Um belo livro de bordados, *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, no.37, Ago., 1929, 131.

<sup>56</sup> O bordado na ornamentação do lar, *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, no. 47, Nov. 9, 1929, 30.

<sup>57</sup> Aqui fazemos referência ao projeto MOMOWO – Women’s Creativity Since The Modern Movement” e à exposição ocorrida no MOMA de Nova Iorque intitulada “Designing Modern Woman 1890-1990”, ocorrida entre outubro de 2013 e outubro de 2014.

<sup>58</sup> Infelizmente, só conseguimos encontrar um exemplar da revista, a do mês de abril, na Biblioteca Nacional e ainda não digitalizada. Não sabemos quantos números foram editados.

<sup>59</sup> Lar Moderno, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Jun. 1, 1932, 11.

<sup>60</sup> Hoje às 9 horas, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Missas, Dez. 15, 1939, 5.

<sup>61</sup> Na revista *Selecta*, do ano de 1917, Joanna Brandt apresentou um projeto de residência cuja autoria era do arquiteto Alberto L. Brandt. Podemos supor que se trata de seu marido e em que área atuava profissionalmente. Joanna Brandt, “Como construir a minha casa?,” *Selecta*, n. 40, Out 6, 1917, 22. E o casal provavelmente não teve filhos, pois como geralmente ocorria nos anúncios sobre falecimento e nas chamadas para missa os filhos costumavam estar mencionados.

Fecha de recepción: 1 de septiembre de 2025

Fecha de revisión: 6 de diciembre de 2025

Fecha de aceptación: 17 de abril de 2026